

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº647

De 03 de a 16 de
fevereiro de 2023.

Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Por PSTU



@pstu_oficial



GENOCÍDIO YANOMAMI

**O QUE ESTÁ POR TRÁS E O QUE FAZER PARA ACABAR COM A DEVASTAÇÃO,
DIZIMAÇÃO E EXTERMÍNIO DOS POVOS ORIGINÁRIOS.**

Páginas 8 e 9

GOVERNO LULA



Páginas 4 e 5

**Frentona com Lira é contra os
trabalhadores e não enfrenta
a extrema-direita**

BOLSONARISMO



Página 10

**É preciso responder a tenta-
tiva de golpe do 8 de janeiro
à altura**

PERU



Páginas 12 e 13

**Uma rebelião popular con-
tra o governo assassino
e o Congresso**

FESTA ESTRANHA, COM GENTE ESQU

CHARGE



“ Democracia eu te amo, eu te amo, eu te amo ”



AUGUSTO ARAS,
Procurador-Geral da República,
em solenidade de abertura do
STF. Aras foi o “fiel escudeiro”
de Bolsonaro (PL) e solicitou o
arquivamento de vários inquéritos
contra Bolsonaro, inclusive
sobre os atos golpistas.



PALESTRA DE BOLSONARO

Golpista apoiando golpista

Jair Bolsonaro irá palestrar em um evento, em Miami, realizado por uma organização nos Estados Unidos associada ao ataque ao Capitólio, promovido por uma turba de apoiadores de Donald Trump em 6 de janeiro de 2021. A Turning Point USA, que promoverá evento com Bolsonaro foi fundada pelo americano Charlie Kirk, apontado nos EUA como parte da engrenagem que ajudou a financiar o comício de Trump que precedeu a invasão do Congresso americano. Kirk é um agitador político da extrema



direita americana. Em 2020, ele foi um dos responsáveis pela disseminação da teoria de que houve fraude nas elei-

ções americanas e, em 6 de janeiro de 2021, apoiou a realização do ato em Washington com Trump.

GENOCÍDIO YANOMAMI

Aldo Rebelo fechado com Bolsonaro

Em palestra realizada há dois dias na cidade paraense de Altamira, o ex-ministro da Defesa do governo Dilma, Aldo Rebelo falou sobre a trágica condição dos yanomami de Roraima. No entanto, ele criticou a “demonização” dos garimpeiros. Em sintonia com o que defende Bolsonaro, Rebelo vê a regularização do garimpo em terras indígenas como solução para o povo ianomâmi. “Parece que o garimpeiro virou a escória do mundo”, disse ao defender as pessoas que, ilegalmente, exploram os minérios da região e, por consequência de sua atuação, poluem o meio-ambiente da região, com substâncias químicas como o mercúrio. “Os índios comendo banana verde, uma mandio-



ca assada, não tem proteína, porque eles não caçam mais. Você não pode obrigar que essas pessoas vivam num estágio neolítico”, expressou sua visão colonialista e preconceituosa. Há muitos anos Aldo Rebelo defende a visão positivista de os indígenas são uma sociedade atrasada que precisa ser incorporada a sociedade nacional para e desenvolver. Essa é a mesma visão do

exército, por isso o ex-ministro é o queridinho dos fardados. Aldo também foi relator do Código Florestal, aprovado em 2012 e que flexibilizou leis ambientais em áreas de preservação. Quando foi deputado pelo PCdoB, Aldo fez um projeto pra homenagear o Saci Pererê. Mas deveria ter feito um outro projeto em homenagem a si próprio, instituindo o dia da mula em cabeça.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

✉ **opinio@pstu.org.br**

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Começar 2023 com o pé esquerdo, construindo a independência política da classe trabalhadora

O ano começou com um novo governo, com Lula e Alckmin tomando posse e, uma semana depois, também com uma tentativa de golpe bolsonarista, apoiada por militares. A tentativa foi frustrada. Mas é uma demonstração do perigo representado pela ultradireita, ainda mais quando sabemos que, mais pra frente, ela poderá tentar novas coisas como essa, pois alguns têm um projeto de ditadura.

Infelizmente, enquanto as ruas e o povo exigem que os envolvidos no golpismo sejam punidos “Sem Anistia” e, ao contrário do que a situação exige, a orientação do governo Lula passa por negociação com a cúpula das Forças Armadas e com peixes grandes do Bolsonarismo. Chegando até mesmo a apoiar, para presidência da Câmara, o Arthur Lira do orçamento secreto e protetor de Bolsonaro.

Antes, já era um absurdo, mas, depois do dia 8 de janeiro, é ainda pior manter Múcio como Ministro da Defesa. Este chegou a elogiar as manifestações na frente dos quartéis. Também é inadmissível deixar as Forças Armadas intactas. Tanto a cúpula quanto sua formação.

Enquanto isto, ocorreu uma reunião, com direito a um jantar em Brasília, que juntou do PSOL, de Boulos, até Eduardo Bolsonaro, passando por todo o Centrão e o PT. O que foi discutido neste encontro tão heterogêneo quanto suspeito? Difícil acreditar que seja algo de interesse para os trabalhadores.

Ao contrário do que diz a imprensa ou mesmo o PT, conversar e construir acordões com a direita não são esforços efetivos na defesa da democracia. Pelo contrário, passar pano para golpista só ajuda os próprios golpistas. Fechar

acordos com os bilionários e seus representantes só contribui para que eles fiquem mais ricos.

A única coisa que podemos constatar, com certeza, é que, apesar de ter gente que defende ditadura militar e outros que defendem esta democracia dos ricos, todos têm acordo em defender o capitalismo e os interesses das grandes empresas.

EXPLORAÇÃO E DESTRUIÇÃO CAPITALISTAS CORREM SOLTA

Enquanto isso, o povo segue sofrendo com baixos salários e até míseros 18 reais estão ameaçados no salário mínimo. Os serviços públicos seguem à míngua. Enquanto acordões são costurados com os ricos e poderosos, em Brasília, o garimpo ilegal segue devastando a Amazônia e os povos indígenas, gerando uma situação de genocídio e calamidade dentre os Yanomamis.

Os efeitos perversos do capitalismo na destruição do meio ambiente foram impulsionados por Bolsonaro, mas isso vem de muito tempo atrás e envolve vários governos.

Diante da catástrofe que foram os anos de Bolsonaro, não é à toa que há alguma expectativa dos trabalhadores e do povo, neste início de 2023. Lula sabe disso e, na posse, subiu a rampa com vários setores do povo brasileiro, representando os explorados e oprimidos desse país. O problema é que isso se contradiz com a própria composição e as políticas do governo.

Há ministérios com gente como Daniela Carneiro (do Turismo), ligada à direita e às milícias, no Rio de Janeiro. Além de representantes dos empresários nos ministérios ligados à economia, como Alckmin e Tebet. Mesmo Haddad já anunciou o que promete ser uma nova política de teto fis-



cal, para acalmar os capitalistas, e uma proposta de Reforma Tributária, para também agradar os setores patronais.

Os trabalhadores têm que ficar de olho. É preciso repudiar qualquer ameaça golpista. Mas também não é possível apoiar este novo governo de Lula. As alianças e as políticas que vêm sendo implementadas, a despeito das expectativas dos trabalhadores, estão em consonância com tudo que defendem Biden e os países imperialistas, que são os principais baluartes deste capitalismo mundial.

O governo, inclusive, vem fazendo o jogo dos países imperialistas ao apoiar a repressão do governo Boluarte, no Peru, permitindo o envio de armamento para lá, contra as manifestações populares.

PRECISAMOS DE ORGANIZAÇÃO, INDEPENDÊNCIA, LUTAS E UM PROJETO SOCIALISTA

Ao mesmo tempo, o governo chamou as centrais sindicais e os movimentos sociais para reuniões. Mas, longe de apresentar alguma medida para atacar os lucros dos capitalistas ou atender

as reivindicações dos trabalhadores, na verdade, quer apenas que os movimentos apoiem o governo.

Os trabalhadores devem ser independentes do governo e construir uma oposição de esquerda, diferente do bolsonarismo. Para enfrentar o sistema e também a ultradireita é preciso que os trabalhadores confiem nas suas próprias forças. Não é possível que sejam prisioneiros dos capitalistas e do governo Lula-Alckmin ou de amplas alianças com os bilionários e a própria direita.

Neste ano que começa, os trabalhadores e trabalhadoras, para garantirem suas necessidades, precisam lutar, exigindo suas reivindicações do governo. Mas não só isso. Diante da permanente recusa dos governos, ao longo dos anos, em atender o povo e, pelo contrário, garantir os lucros dos ricos, fica evidente que nossa luta se choca com o próprio sistema capitalista.

Inventam sempre mil desculpas para manter tudo do jeito que está. Dizem que aumentar o salário mínimo para o calculado pelo DIEESE (por volta de 6 mil reais), quebraria o país. Mas, quando os bilio-

nários quebram uma empresa como as Americanas, por conta das suas falcaturas para sugarem bilhões em riqueza, ameaçando, agora, demitir 40 mil trabalhadores, é ao Estado e ao não pagamento aos bancos que estes senhores recorrem para seguirem ganhando dinheiro.

Precisamos lutar por nossas reivindicações e, também, entender que é preciso mudar esse sistema. Pra isso é preciso que cada luta esteja a serviço de um projeto de país construído pelos trabalhadores, o que não passa nem pelo governo do PT e muito menos por Bolsonaro e a ultra direita.

Lutando, debatendo, melhorando sua organização e aumentando sua consciência, os trabalhadores e trabalhadoras podem tudo. Isso se concretiza na construção de um programa socialista e no fortalecimento de um partido revolucionário; construindo, assim, efetivamente, uma alternativa socialista e revolucionária para o país, que supere esta polarização entre os setores burgueses que atravessa o país.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Y0SYGY](https://bit.ly/3Y0SYGY)

UNIDADE DOS “DE CIMA”

Frente com Lira é contra os trabalhadores e sequer enfrenta a extrema-direita



DA REDAÇÃO,

Enquanto fechávamos esta edição, aconteceram as eleições para as presidências da Câmara e do Senado. O atual presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), principal responsável por garantir governabilidade de Bolsonaro, foi reeleito com uma votação massacrante (464 dos 513 deputados). Resultado da ampla frente em torno ao seu nome, que une do PT ao PL bolsonarista.

Já no Senado, o governo suou um tanto para reeleger Rodrigo Pacheco (PSD-MG), também eleito lá atrás com o apoio de Bolsonaro, que, agora, teve 49 votos contra os 32 dados ao bolsonarista Rogério Marinho (PL-RN).

Para assegurar a vitória do novo aliado, o governo abriu a carteira para liberar cargos e vantagens. Contou com a ajuda, inclusive, do ex-senador e governador de Roraima, Romero Jucá (MDB), conhecido aliado dos garimpeiros e que já foi apelidado como “o maior inimigo dos povos indígenas” no país.

Uma imagem bastante ilustrativa dessa frente dos “de cima” foi a festa dada por Arthur Lira, no dia 26 de janeiro, em sua mansão em Brasília. O convívio juntou do ministro Flávio Dino à deputada petista Maria do Rosário (PT-RS), passando pelo filho de Bolsonaro, o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), o ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, até os deputados do PSOL, Guilherme Boulos e Érika Hilton.

Embora o PSOL tenha lançado a candidatura de Chico Alencar à Presidência da Câmara contra Lira (na qual teve 21 votos), é difícil justificar a presença num evento como esse. Boulos disse que estava lá reforçando “a convivência democrática”, e Hilton afirmou que foi pedir medidas contra ameaças de mortes que vem recebendo. Mas num jantar?

A QUE LEVA ESSA ‘FRENTONA’?

Qual o problema dessa frente com Lira, o Centrão e até parte da base bolsonarista? Isso expressa uma política de conciliação com a direita mais reacionária, os mesmos setores que estão com o agromercado, que assassinam indígenas, e que levaram à frente toda a política bolsonarista nos últimos anos.

Lira continuará concentrando um enorme poder em suas mãos, não só com um orçamento astronômico, mas também com o total controle da pauta política do país. Inclusive a possibilidade de abrir ou não processo de impeachment contra o presidente.



Lira e Lula

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3X1SNYQ](https://bit.ly/3x1snyq)

Os acordos com o Centrão já estão provocando escândalos no atual governo. O Ministro das Comunicações escolhido por Lula, Juscelino Filho, cota do Centrão, foi pego usando R\$ 50 milhões do Orçamento Secreto para asfaltar uma estrada que passa em frente de uma de suas fazendas no Maranhão. Com as eleições do Congresso Nacional, esse pessoal vai tomar, ainda mais, conta dos cofres e os escândalos serão diários.

Mas haveria uma alternativa diferente de entregar os dedos e os anéis ao Centrão? O governo Lula-Alckmin justifica o

acordão, afirmando que não há escolha para governar diante da atual correlação de forças. Mas, já vimos, sucessivas vezes, que o caminho da conciliação e dos acordos espúrios só leva a uma direção: a da desmoralização, da decepção e do fortalecimento da oposição, no caso, do bolsonarismo.

Ao invés de apostar em governar atendendo às reivindicações dos trabalhadores e trabalhadoras e se apoiar em sua mobilização, o governo aposta no sentido contrário: se aliar com os mesmos setores que o povo tanto se esforçou para tirar.

“ Existe, sim, uma alternativa. Ao invés da aliança com a burguesia, precisamos da unidade da classe trabalhadora, do povo pobre e dos setores mais oprimidos e marginalizados. ”

CONTRA O CAPITAL

Frente dos ‘de baixo’ contra os ‘de cima’



Existe, sim, uma alternativa. Na verdade, a única capaz de enfrentar a extrema-direita e o bolsonarismo. E ela passa, ao invés da aliança com os “de cima”, com a burguesia e seus representantes corruptos, pela unidade com os “de baixo”: a classe trabalhadora, o povo pobre e os setores mais oprimidos e marginalizados.

Na verdade, essa frente amplíssima, que abarca até bolsonaristas, é consequência da política de conciliação de classes do PT, que busca um governo de unidade com

o maior número possível de setores da burguesia. Uma política que já se expressou nas eleições, com a Frente Ampla com Alckmin, Renan Calheiros, a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), a Federação Brasileira dos Bancos (FEBRABAN) etc. Ou seja, é um reflexo do próprio programa de conciliação do PT.

A classe trabalhadora não pode esperar outra coisa dessa frente senão a continuidade dos ataques aos direitos, ao emprego, aos serviços públicos, aos setores oprimidos

e o aprofundamento da entrega do país. O PSOL presta um desserviço ao aceitar se integrar nessa megacoalidação com setores corruptos e bolsonaristas, da mesma forma que outros partidos, como o PCB e a Unidade Popular (UP), que, mesmo de fora, dão apoio a esse governo.

A classe trabalhadora precisa apostar na unidade dos “de baixo” contra essa frente dos “de cima”, avançar em sua organização independente e preparar uma forte mobilização por suas reivindicações.

UNIDADE DOS “DE BAIXO”

Independência de classe para lutar pelas reivindicações dos trabalhadores

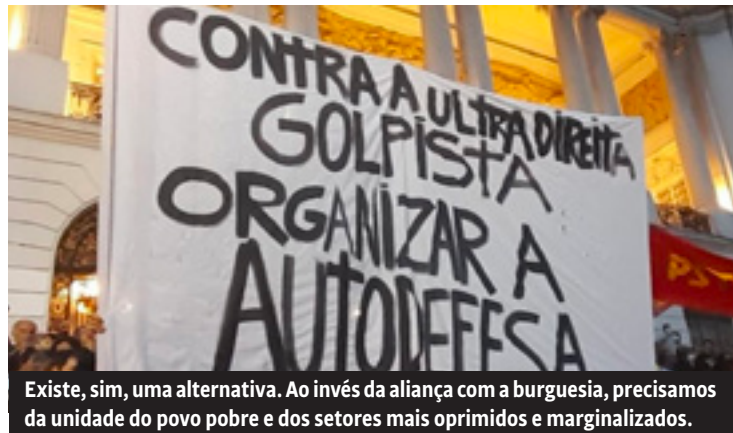
A derrota de Bolsonaro nas eleições trouxe um grande alívio para um amplo setor da classe trabalhadora, do povo pobre, da juventude e dos setores historicamente marginalizados. Foi-se um governo disposto a tudo para arrancar até o último fiapo de direito social, entregar o país, dizimar as populações indígenas, promover o racismo, o machismo,

a LGBTIfobia e a xenofobia, e, ainda, impor um regime autoritário, que nos impediria até de reclamar, nos organizar e lutar contra isso tudo.

A extrema-direita, porém, está longe de acabar, como vimos na tentativa de golpe de 8 de janeiro. Mais do que isso, todas as condições que permitiram o surgimento do bolsonarismo e o seu ascenso

tampouco se foram com Bolsonaro. Muito pelo contrário, a vida da classe trabalhadora e do povo pobre está cada dia mais difícil.

Se é verdade que a inflação está desacelerando, isso ocorre com os preços ainda lá em cima. O desemprego e a precarização, por sua vez, não dão sinais de recuo e os serviços públicos agonizam.



SALÁRIO DE FOME

Reajuste pífio ao salário mínimo

Em 2022, o acumulado da inflação teve um efeito devastador sobre a renda das famílias, principalmente as mais pobres, que gastam uma proporção maior com despesas básicas, como alimentação. O aumento do leite e derivados ficou acima de 22%, assim como da farinha e das massas. O preço das frutas aumentou 24%; dos tubérculos, 40,2%; e das aves e ovos, 8%.

A Equipe de Transição que preparou a gestão do governo Lula-Alckmin após as eleições chegou a prometer um reajuste do salário mínimo para R\$

1.320, um valor ainda irrisório perto das necessidades da população. O Dieese calcula que seriam necessários R\$ 6.647 para que o mínimo cumprisse sua obrigação constitucional de garantir a sobrevivência básica de uma família. Mesmo assim, nem isso o novo governo garantiu, deixando o salário nos R\$ 1.302, estabelecidos por Bolsonaro.

Junto com o salário mínimo de fome, persiste um verdadeiro exército de trabalhadores sem empregos ou jogados na mais absoluta informalidade, como os trabalhadores de aplicativos.

Os números que o levantamento do Instituto Latinoamericano de Estudos Socioeconômicos (Ilase) trouxe, em 2022, dão uma dimensão dessa situação: são 58,8 milhões de desempregados, mais que os 44,1 milhões de trabalhadores com carteira assinada. E R\$ 33,3 milhões sobrevivendo no subemprego.

REVOGAÇÃO DAS REFORMAS

Enquanto isso, o governo Lula-Alckmin continua se recusando a sequer debater a revogação da Reforma Trabalhista, que, desde 2017, ajuda a impul-

sionar a precarização, que, em português, claro significa a superexploração do trabalho, com o mínimo ou nenhum direito.

PRIVATIZAÇÕES

As empresas privatizadas, por sua vez, continuam nas mãos do grande capital privado, incluindo a Eletrobrás, vendida através de um processo fraudulento, avalizado pela mesma PwC que ajudou a esconder o roubo bilionário dos donos das Americanas.

O Imposto de Renda é outro tema, já que, neste ano, pela

falta de revisão, quem ganha a partir de 1,5 mínimo já leva uma mordida do “Leão”, enquanto as grandes empresas e os bilionários se beneficiam de uma série de isenções.

Tirar Bolsonaro nas eleições foi uma necessidade. Agora, precisamos nos organizar para lutar por emprego, salário, direitos, serviços públicos de qualidade e reverter o processo de entrega do país. Só assim, de fato, será possível derrotar a extrema-direita e mudar a vida da classe trabalhadora e do povo pobre e oprimido.

À LUTA

Por emprego, salário, direitos e terra



Como o PSTU afirmou no 2º turno das eleições, quando chamou o voto crítico em Lula contra Bolsonaro, a fim de derrotar o candidato da extrema-direita, não podemos depositar confiança alguma num

governo aliado aos bilionários, aos banqueiros e aos grandes empresários. A classe trabalhadora precisa se organizar de forma independente, lutando por suas reivindicações e por um projeto seu de país.

É NECESSÁRIO LUTAR POR

A classe trabalhadora deve confiar nas suas próprias forças



Emprego - Redução da jornada de trabalho sem redução de salários, a fim de abrir mais postos. Garantia de emprego a todos e todas, com plenos direitos e carteira assinada.



Salário - Duplicação do salário mínimo, rumo ao mínimo do Dieese.



Imposto de Renda - Isenção para quem ganha até 10 salários mínimos e taxa progressiva para grandes fortunas e as propriedades dos bilionários.



Fim das privatizações e reestatização - Reestatização das empresas entregues ao capital

privado, como a Eletrobrás, sob o controle dos trabalhadores, para que atuem de acordo com os interesses da população e não para o lucro de meia dúzia de megainvestidores internacionais. Petrobras 100% estatal, sob controle operário, com o fim do Preço de Paridade Internacional (PPI), que impõe o preço do combustível e do gás, aqui, em dólar, para beneficiar banqueiros estrangeiros.



Reforma agrária e fim do genocídio indígena - Estatização do grande agronegócio, reforma agrária radical, garantindo terra a quem precisa. Demarcação e homologação das terras indígenas e quilombolas, com a prisão dos responsáveis pelo genocídio Yanomami.

SINDICATOS

“A organização dos trabalhadores precisa ser independente. Não podemos ser um apêndice do governo”

Em reunião com Lula, CSP-Conlutas expressa independência, entrega Programa Emergencial ao governo e defende um plano de lutas

Opinião Socialista conversou com o metalúrgico e militante do PSTU Luiz Carlos Prates, o Mancha, dirigente nacional da CSP-Conlutas. Ele esteve em Brasília e falou em nome da Central na reunião realizada, no dia 18 de janeiro, com o presidente Lula (PT) e o ministro do Trabalho Luiz Marinho.

Em sua intervenção, Mancha ressaltou as práticas antissindicais, denunciou as demissões e perseguições contra a classe trabalhadora e dirigentes sindicais. Importante ressaltar que Mancha é um dirigente sindical que foi demitido de forma arbitrária pela General Motors em São José dos Campos (SP). Neste momento, há uma campanha política em defesa de sua reintegração.

Em seu discurso, Mancha também reafirmou a independência e autonomia da CSP-Conlutas frente aos governos e aos patrões. O metalúrgico também defendeu a revogação das reformas trabalhista e da previdência, o cancelamento das privatizações, o fim do Teto de Gastos, o não pagamento da dívida pública e a valorização do salário mínimo.

A fala de Mancha repercutiu bem junto aos trabalhadores e ativistas que estão na vanguarda das lutas, e também teve destaque em veículos de imprensa.

Como você avalia a reunião das Centrais Sindicais com o presidente Lula

(PT) e com o ministro do Trabalho Luiz Marinho, realizada em Brasília no dia 18 de janeiro?

A reunião foi importante, frente ao cenário de ataques que o movimento sindical e a classe trabalhadora brasileira sofreram com o governo reacionário de Bolsonaro (PL).

Começamos a intervenção repudiando as ações golpistas promovidas pela ultradireita em Brasília no dia 8 janeiro e cobramos de Lula a prisão e o confisco dos bens dos golpistas e do ‘clã Bolsonaro’. Sem anistia a golpistas.

Contido, essa luta unitária contra a ultradireita e o repúdio às ações golpistas não podem ser confundidos como apoio ao governo. A CSP-Conlutas manterá sua independência e autonomia, para lutar em defesa das pautas do trabalhadores.

Isso é necessário, pois apesar da importância da reunião, não podemos deixar de pontuar que o atual governo não se comprometeu de concreto com as demandas apresentadas, como a revogação das reformas Trabalhista e Previdenciária, é a valorização do salário mínimo.

Como se deu a participação da CSP-Conlutas na reunião?

Nós, da CSP-Conlutas, afirmamos que a situação de vida dos trabalhadores está cada vez pior e defendemos uma saída socialista para o país. Além da revogação das reformas neoliberais, pautamos a defesa



Reunião com sindicalistas e o presidente Lula



Mancha, em panfletagem na GM

do piso salarial da enfermagem, o cancelamento das privatizações, o fim do Teto de Gastos, o não pagamento da dívida pública e a valorização do salário mínimo, que segundo o Dieese, deveria ser de R\$ 6 mil reais.

Também, reafirmamos a total independência e autonomia da CSP-Conlutas perante o governo Lula-Alckmin. Nossa tarefa é dar

continuidade à organização e mobilização dos trabalhadores em defesa dos direitos, com independência de classe.

Na ocasião entregamos ao governo Lula um Programa Emergencial com propostas que buscam atender as necessidades mais sentidas pela classe trabalhadora e o povo pobre. Esse Programa Emer-

gencial está disponível no site da CSP-Conlutas.

Na reunião, Lula falou que será necessária muita pressão dos trabalhadores pelas suas reivindicações, porque o Congresso Nacional é conservador. Como você avalia essa fala do presidente?

A organização e mobilização da classe trabalha-



Mancha fala durante reunião com o governo

dora precisa ser independente. O movimento sindical, assim como os demais movimentos sociais, não podem ser um apêndice do governo. Temos que atuar de forma independente e autônoma, conduzindo nossa pressão e mobilização contra o governo e o Congresso Nacional, pois o governo Lula tem sua responsabilidade, não pode apenas tentar jogar a responsabilidade ao Congresso. Lula está disposto a se enfrentar com os patrões, com os latifundiários, com os banqueiros para defender as pautas históricas dos trabalhadores? Lula vai se enfrentar com o Congresso conservador? Infelizmente, não é isso que tem mostrado. Inclusive o PT negociou o apoio à reeleição de Arthur Lira (PP) para a presidência da Câmara. Por isso, repito o que disse em minha fala na reunião, somente com a mobilização dos trabalhadores seremos capazes de promover as mudanças necessárias, somente com liberdade para lutar, para nos organizar, para criar comitês de luta, teremos um sindicato livre e os trabalhadores poderão organizar seu próprio projeto.

Como está a relação das grandes Centrais Sindicais com o novo governo?

As demais Centrais Sin-

dicais, incluindo as duas maiores - CUT e Força Sindical - apoiam o programa do governo Lula-Alckmin. Isso foi expresso nas intervenções feitas pelos seus representantes na reunião. Achamos que isso é um erro, inclusive um erro já cometido durante os outros governos do PT. Nós defendemos a total independência e autonomia das Centrais Sindicais e demais organizações da classe trabalhadora em relação aos governos e patrões. O papel das entidades sindicais não é ser correia de transmissão do governo dentro do movimento, mas sim a de cumprir o papel de organizar um plano de lutas em defesa dos direitos dos trabalhadores, com autonomia e independência de classe.

Você também participou de uma reunião com o ministro Luiz Marinho, que debateu a regulamentação do trabalho por aplicativo. Como foi?

Estive presente. Hoje, milhares de trabalhadores de aplicativos estão submetidos ao trabalho precarizado, sem direitos trabalhistas. É importante que sejam adotadas medidas que enfrentem essa situação. Nos sentimos orgulhosos em termos cedido espaço aos representantes dos trabalhadores em aplicativos, em particular ao



companheiro Paulo Gallo, que é um dos líderes dos Entregadores Antifascistas de São Paulo. Ele usou o tempo que era destinado à CSP-Conlutas para falar na atividade por compreendermos a necessidade de participação da categoria na reunião, que também contou com outras lideranças de aplicativos.

Na reunião, tirou-se como encaminhamento que cada Central Sindical produzirá com as organizações de base da categoria as propostas para serem encaminhadas até o dia 13 de fevereiro ao Ministério do Trabalho.

Uma nova reunião ficou indicada para ser realizada entre os dias 13 a 17 deste mês para apresentação das propostas. Em seguida, uma sistematização será feita pelo Dieese res-

peitando o prazo de 23 a 28 de fevereiro.

Uma reunião indicada para acontecer em um dia da semana de 6 de março deverá deliberar sobre a proposta de pauta e propostas unificadas, além de deliberar sobre estratégias de ação e formar a Mesa de Negociação da Bancada dos Trabalhadores.

Quais são as tarefas coladas à classe trabalhadora brasileira?

Temos vários pontos urgentes que constam em nosso Plano Emergencial entregue ao governo Lula tais como a garantia de empregos, fim do trabalho precarizado, valorização dos salários, fim das privatizações e o combate à fome.

Essas pautas só serão alcançadas com mobilização e

luta. E é a isso que a CSP-Conlutas se propõe, organizando esse processo pela base, em cada local de trabalho, moradia e estudo, buscando a unidade da classe trabalhadora do campo e da cidade.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3HR1FMJ](https://bit.ly/3HR1FMJ)

ASSISTA

A fala do Mancha na reunião das centrais



LEIA

O Programa Emergencial da CSP-Conlutas



POVOS ORIGINÁRIOS

Derrotar o genocídio dos Yanomami, sem anistiar os culpados

 **JEFFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO**

O mundo ficou horrorizado com as cenas de milhares de Yanomami, crianças, mulheres e homens, reduzidos a corpos esqueléticos que imediatamente lembram os horrores do holocausto nazista e da fome em Biafra, causada por uma guerra civil no norte da Nigéria nos anos 1970.

Mas esse genocídio foi anunciado e planejado pelo Estado brasileiro. Todos sabiam o que estava em curso há muitos anos. Mas em todo esse tempo, os Yanomami tiveram que contar apenas com a própria sorte e resistência contra seu extermínio.

O maior responsável pelo genocídio atual é Bolsonaro, que negou a fome entre os Yanomami e disse que o episódio é “uma farsa da esquerda”. Entretanto, desde o primeiro ano do seu governo, mais de 20 mil garimpeiros (alguns falam de até 40 mil!) invadiram a Terra

Indígena (TI) Yanomami. O estímulo veio do próprio Bolsonaro que, enquanto deputado federal, já defendia o fim da Terra Indígena e, como presidente, defendeu a abertura desses territórios à mineração.

O garimpo trouxe destruição e violência. Entre 2021-2022, na TI Yanomami foram desmatados 418 hectares. Os rios e peixes foram assassinados pelo mercúrio e pelas drogas. Nos buracos provocados pela garimpagem, a malária se proliferou. Castigados pela fome e as doenças, e totalmente abandonados pelo governo, a morte abraçou os Yanomami, especialmente os pequenos. Mulheres e adolescentes foram sistematicamente estupradas e prostituídas pelos garimpeiros a troco de um saco de farinha.

Lideranças Yanomami tentaram denunciar e expor ao mundo o holocausto. Pediram por ajuda, mas o governo continuou a apoiar a invasão e negou qualquer auxílio. Em 6 de

julho de 2020, Damares Alves, ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, pediu a Bolsonaro que não enviasse aos indígenas, que padeciam da covid-19, água potável, ventiladores pulmonares e leitos de UTI. Mas não faltou dinheiro para ONGs evangélicas tentarem atraí-los para a religião branca. Pelo menos R\$ 840 milhões para apenas uma delas. Desde os tempos coloniais, a catequização foi um meio para liquidar com os povos indígenas.

Enquanto isso, garimpeiros continuavam entrando e saindo impunemente da TI. Ataques fecharam os polos que fazem o atendimento médico de indígenas dentro do território. Alguns deles chegaram a ser filmados e exibidos pela imprensa. “Quando precisam ser socorridos com urgência, os Yanomami que têm celulares são obrigados a pedir aos garimpeiros para usar a internet instalada pela própria operação criminosa”, explicou uma reportagem da Agência Sa-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3YFUWMK](https://bit.ly/3YFUWMK)

maúma, revelando a crueldade e o abandono.

Toda essa barbaridade acontecia a 40km de um quartel militar, o 4º Pelotão Especial de Fronteira do Exército. Mas os militares colaboravam com a garimpagem. Dois relatórios da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) revelam que militares do Batalhão de Infantaria da Selva (BIS) estavam em

um grupo de Whatsapp com garimpeiros para avisar sobre ações que seriam desencadeadas na região. Ao mesmo tempo, o vice-presidente, general Hamilton Mourão, dizia que dados sobre garimpo em terra Yanomami eram “fantasiosos”. Mais uma vez, o exército esteve envolvido em uma de suas terríveis missões históricas: promover o genocídio indígena.

INVASÕES SISTEMÁTICAS

Garimpo em terras Yanomami não é de hoje



Em 1972, o poeta Carlos Drummond de Andrade já defendia nos jornais a necessidade de se proteger os Yanomami. Naquela década, a fotógrafa Claudia Andujar mos-

trou os Yanomami ao mundo, sua rica e complexa cultura e a luta contra sua extinção.

Naqueles tempos, a ditadura militar promovia a expansão do capitalismo sobre

a Amazônia, abrindo a região à exploração mineral, ao roubo de terras, exterminando os povos indígenas. De acordo com a Comissão Nacional da Verdade, ao menos 8.350 indígenas foram mortos em massacres, roubo de terras e remoções durante esse período.

O exército sempre considerou os indígenas uma “ameaça à soberania nacional”, ao mesmo tempo que entregava grandes províncias minerais às firmas estrangeiras. O coronel Carlos Alberto Menna Barreto chegou a publicar um livro intitulado “A farsa ianomami”, em que defendia uma tese conspiracionista (digna do mais troloucado bolsonarista) de que os indígenas não existiam como cultura singular, e que foram inventados pe-

los estrangeiros, pelo príncipe Charles e por Claudia Andujar.

CONQUISTA DA TI NÃO ACABOU COM GARIMPOS

Em 1992, os indígenas conquistaram a demarcação do seu território, as minas de ouro foram fechadas e os garimpeiros removidos. Isso foi muito importante e permitiu uma recuperação demográfica da população indígena. Contudo, poucos anos depois, foi retomada por novas invasões ao território. Mesmo sob os governos do PT e Lula, o garimpo continuou a existir na TI. O “povo da mercadoria”, como o xamã Yanomami Davi Kopenawa se refere aos brancos, continuava a trazer fumaça, espingardas, doenças e morte ao seu povo.

O garimpo seguiu enriquecendo políticos e empresários, particularmente em Roraima, onde a própria burguesia tem uma origem garimpeira. O político e ex-governador de Roraima Romero Jucá foi um dos emblemáticos defensores do garimpo nos territórios indígenas. Quando foi presidente da Funai (1986-1988), sob o governo Sarney, garimpeiros bombardeavam com dinamite as aldeias Yanomami.

O atual governador de Roraima é da mesma laia, por isso defende os garimpeiros e profere discursos racistas dizendo que os indígenas “não podem viver como bichos”, e que devem viver como brancos..., desde que (claro!) liberem suas terras e riquezas para os invasores.

MEDIDAS

Como acabar com a garimpagem

Os garimpeiros que invadem as Terras Indígenas não usam mais espingardas e revólveres 38, agora são fuzis e armamentos capazes de derrubar avião. Também estão associados aos traficantes de drogas, a madeireiros e a quadrilhas de grilagem de terras.

O narcogarimpo é formado por milícias que se proliferaram pela Amazônia. O serviço sujo é feito por homens miseráveis, vítimas de outra tragédia social e que muitas vezes são semiescravizados pelos criminosos. São produtos da imensa desigualdade social do país. Bem confortáveis e longe do front estão os verdadeiros senhores do garimpo: políticos importantes, alguns do Congresso Nacional, empresários, gente da polícia e do Poder Judiciário. Esses nunca aparecem nas notícias sobre o desmantelamento das

operações criminosas. Muitos deles estão, inclusive, na base de apoio do novo governo Lula.

ATACAR A RAIZ DO PROBLEMA

Diante do horror, o governo decretou emergência médica, e Lula prometeu retirar os garimpeiros da Terra Indígena, com fechamento do espaço aéreo e das rotas fluviais. No entanto, não há como acabar com a garimpagem sem prender e punir seus verdadeiros chefes, que sempre desfrutaram de enorme poder e impunidade.

O garimpo é sustentado por uma complexa rede produtiva que faz o ouro roubado nas Terras Indígenas parar em joalherias do Brasil e do exterior, inclusive em empresas de tecnologia como Amazon, Alphabet (Google), Apple e Microsoft. Todos esses capitalistas se benefi-

ciam com o negócio sujo.

A história já mostrou que não adianta apenas reprimir e retirar o garimpo do território Yanomami, embora essas sejam medidas importantes. O problema é que, mais cedo ou mais tarde, eles sempre voltam, atraídos pela valorização dos produtos minerais, que ganhou ainda mais força no processo de reprimarização da economia brasileira. No capitalismo é assim: conquistas, tal como a demarcação das Terras Indígenas, podem retroceder enquanto o sistema perdurar. O que os capitalistas concedem hoje com uma mão amanhã podem tirar com a outra.

Para acabar com a garimpagem é preciso ir a fundo, adotar medidas que vão à raiz do problema. Primeiramente, atacar toda a cadeia produtiva que permite a exploração criminosa,



O xamã Davi Kopenawa, liderança histórica dos yanomami.

prender e punir os chefes do garimpo e empresários que se beneficiam do ouro roubado. Mas também é necessário atacar as causas estruturais da imensa desigualdade social que empurra um contingente de miseráveis para os garimpos, para o tráfico e a exploração de madeira em Terras Indígenas.

Também não se pode admitir nenhuma anistia para os

genocidas. Bolsonaro, Damares Alves, Eduardo Pazuello e Marcelo Xavier devem ser investigados e punidos, não só pelo Brasil, mas pelo Tribunal Penal Internacional.

Nenhuma anistia a Bolsonaro e seu time do ódio. Mas também nenhuma confiança naqueles que se sentam à mesa com os genocidas do passado defensores do Marco Temporal.

UNIDADE ENTRE CIDADE E FLORESTA

Enfrentar agronegócio e demarcar todas as terras indígenas

A revogação de vários decretos emitidos por Bolsonaro não é suficiente para enfrentar o trator da morte e a “queda do céu”, expressão de Davi Kopenawa (leia ao lado).

O meio ambiente não será protegido por políticas conser-

vacacionistas liberais, como as defendidas por Marina Silva. Não será concessão de florestas públicas à iniciativa privada ou exploração supostamente “sustentável” de madeira, ou um mercado de ativos financeiro de carbono que vai ga-

rantir a preservação dos nossos biomas. Isso já se provou uma ilusão.

É preciso enfrentar o agronegócio e os chefes do garimpo para garantir a demarcação conquistada com a Constituição Federal em 1988 (art.

231, §1º), impedir o avanço dos campos de plantio e a exploração mineral.

É preciso apoiar os povos da floresta, inclusive suas organizações de autodefesa que enfrentam a pistolagem. Vencer o genocídio requer uma

unidade de indígenas com os quilombolas, camponeses, extrativistas, ribeirinhos, apoiada pelos trabalhadores das cidades, sindicatos e pela juventude. A luta isolada resultará em mais mortes, a vitória da barbárie e o horror capitalista.

A QUEDA DO CÉU

A profecia xamânica de um “apocalipse ambiental”

Na cosmologia Yanomami, os xamãs chamam os espíritos xapiri para fazê-los dançar e protegê-los. Mas a destruição da floresta os afugenta, impedindo que espantem as epidemias que os devoram. Quando a Amazônia sucumbir à devastação provocada pelo “povo da mercadoria” e o último xamã morrer, o céu desabarará sobre todos nós, e será o fim do mundo. A sina dos Yanomami não está dissociada do restante da humanidade.

ASSASSINATOS

O horror Yanomami não é um caso isolado

A política genocida de Bolsonaro se estendeu a muitas outras etnias. “No Maranhão, por exemplo, as etnias Guajajara, Canela, Mermontunré, Apanyekrá Ramkokamekrá e Gavião estão em situação similar à dos Yanomami. Seus territórios foram invadidos,

seus rios poluídos, enquanto a fome, as doenças e a morte avança”, explica Raquel Küna Yporã Tremembé.

Os assassinatos de indígenas no estado de Flávio Dino, ex-governador do Maranhão e atual ministro da Justiça, não param. O último foi neste 31

de janeiro, quando Raimundo Ribeiro da Silva, 57 anos, foi assassinado a tiros, na TI Arariboia. Raimundo era casado com uma indígena Guajajara e servidor da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), que caracteriza o crime como uma represália.

Em uma única semana foi o terceiro assassinato na região. No dia 24 de janeiro último, o corpo de José Inácio Guajajara foi encontrado às margens da BR-226. Já no sábado (28), o corpo de Valdemar Marciano Guajajara foi encontrado, com mar-

cas de violência, em Amarante (MA). Em janeiro, outros dois jovens Guajajara sofreram atentados, mas felizmente conseguiram sobreviver. Exigimos a mais completa apuração dos crimes e punição exemplar de todos os envolvidos.

8 DE JANEIRO

É preciso responder a tentativa de golpe à altura

EDUARDO ALMEIDA,
DE SÃO PAULO (SP)

É um fato que o bolsonarismo sofreu uma derrota parcial. Nesse momento, não está conseguindo, como oposição, pautar a vida política nacional. Ainda está na defensiva, depois da derrota da tentativa de golpe.

Os ativistas que apoiam Lula, certamente, esperavam que este seria o momento para passar à ofensiva contra Bolsonaro, cortar sua base de apoio nas Forças Armadas e avançar em medidas que pudessem ganhar, politicamente, a base dos trabalhadores que apoiam Bolsonaro.

Infelizmente, não é isso que está sendo feito. Entendemos que exista um enorme alívio pela saída do genocida. Mas, só isso não basta. Como veremos, a ofensiva contra Bolsonaro é tímida e limitada.

O QUE FOI FEITO CONTRA OS GOLPISTAS?

Depois de 8 de janeiro, as evidências sobre a tentativa de golpe se multiplicaram. Uma delas foi o memorando encontrado na casa de Anderson Torres, demonstrando como um



golpe foi discutido por Bolsonaro e os comandos militares, logo após a derrota eleitoral.

Esse plano acabou sendo abandonado, pela falta de apoio da grande burguesia e do imperialismo. Mas, depois, se tentou de outra maneira, através do 8 de janeiro. O golpe não seria iniciado diretamente pelas Forças Armadas (FFAA), mas por “iniciativa do povo”, com a invasão de Brasília pelos golpistas, financiados pelo agronegócio.

A cumplicidade do comando das FFAA, da Polícia Militar e do governo do Distrito Federal está categoricamente demonstrada. O fato mais aberrante é o vídeo do chefe

do Batalhão da Guarda Presidencial (que deveria defender o Palácio do Planalto), tenente-coronel Paulo Jorge Fernandes da Hora, cantando o hino brasileiro junto com os golpistas que invadiram o Palácio.

Passadas três semanas da tentativa de golpe, poucas respostas foram dadas, além da prisão de algumas centenas de golpistas.

A única resposta de maior peso dada por Lula foi a demissão do comandante do Exército e sua substituição pelo comandante militar do Sudeste, general Tomás Miguel Ribeiro Paiva. O limite dessa troca pode ser comprovado pelo histórico

do novo comandante: ele foi um dos redatores da nota do general Villas Boas (um dos principais chefes do bolsonarismo militar), em abril de 2018, para impedir a possibilidade de que Lula concorresse às eleições.

O chefe da tentativa de golpe, Bolsonaro, até agora segue intocado nos EUA, sem ser responsabilizado diretamente pela ação golpista. O setor da burguesia diretamente envolvido no financiamento do golpe derrotado, principalmente o agronegócio, até agora pouco foi molestado.

NÃO É HORA PARA VACILOS

Não é possível ser superficial com a ultradireita golpista. Trata-se de um setor com base em setores da burguesia e uma parte minoritária, mas importante, da população. Tem um peso militar inegável, que vai do comando das FFAA até as bases das polícias. Já vimos como isso teve um peso determinante no 8 de janeiro. Recentemente, uma pesquisa do Fórum de Segurança Pública comprovou que 40% dos policiais consideram as reivindicações dos golpistas como “legítimas”.

Deixar de avançar nesse momento em que o bolsonarismo está na defensiva, é abrir a possibilidade de que, quando se recomponha politicamente, a ultradireita possa passar, de novo, à ofensiva, com uma nova tentativa de golpe.

Mas, como já dissemos, o bolsonarismo é uma expressão do capitalismo em decadência. A grande burguesia nacional, assim como um setor do imperialismo, apoiou diretamente Bolsonaro, porque ele impôs a pauta neoliberal a ferro e fogo.

SEM ANISTIA!

Para enfrentar o bolsonarismo, de verdade, seria necessário não só ir até o fim no enfrentamento com os dirigentes e financiadores da tentativa de golpe, como enfrentar os interesses da grande burguesia nacional e internacional. E isso também, nesse primeiro mês de governo, não está sendo feito nem anunciado.

“Sem anistia para os golpistas!” Como gritaram manifestantes em todo o país, nos protestos contra o golpe, realizados no dia 9 de janeiro. É preciso apuração, identificação e punição exemplares de todos os envolvidos.

ORGANIZAÇÃO

Para derrotar a ultradireita, mobilizar as massas e organizar a autodefesa

A única conclusão que se pode tirar dos acontecimentos é que não se pode confiar nas instituições da democracia burguesa, sequer para se defender contra um golpe. Por isso, estamos vendo a ultradireita crescer em todo o mundo.

A única forma real de enfrentar e derrotar a ultradireita é através da mobilização de massas e da organização, pelos próprios trabalhadores, da sua autodefesa.

O que derrubou as ditaduras na América Latina foram as mobilizações de massas.

Inclusive no Brasil, foram as mobilizações pelas “Diretas Já”, as lutas estudantis e as greves operárias que levaram à crise terminal da ditadura, que acabou sendo canalizada por negociações com os militares. Também, o que impediu o golpe militar contra Chavez, em 2002, na Venezuela, foram as massas nas ruas.

É preciso aliar a mobilização de massas com a organização da autodefesa. As ações da ultradireita podem ser enfrentadas com a organização dos trabalhadores e trabalhadoras. Os enfrentamentos das torcidas organizadas com os bloqueios bolsonaristas já demonstram isso.

É preciso levar esta discussão ao conjunto da classe trabalhadora e da juventude. Assim como é necessário adotar mediadas práticas para organização e treinamento

da autodefesa pelos trabalhadores e trabalhadoras. Essa é uma tarefa urgente e fundamental, que precisa ser tomada pelos sindicatos e movimentos populares e sociais.

Trata-se de uma necessidade para defendermos as greves e manifestações contra os grupos bolsonaristas. Assim como para enfrentar ações golpistas do bolsonarismo, se estas voltarem a ocorrer.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3YMXZNJ](https://bit.ly/3YMXZNJ)



COMO SE TORNAR UM BILIONÁRIO?

Golpe da Americanas escancara decadência capitalista

**GERALDO BATATA,
DE CONTAGEM (MG)**

Como já discutimos em um artigo publicado “O caso Americanas: os semideuses e os demônios do capitalismo, a fraude da Americanas abalou o “mercado”. Os principais bancos do país estão se digladiando, com batalhas judiciais e investigações criminais por fraudes, e a história também tem sido pauta em toda imprensa, nas instituições governamentais etc.

Abriu-se a “Caixa de Pandora” do sistema financeiro. A imprensa burguesa se escandaliza. Os bancos, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e as bolsas bradam contra os “semideuses do capitalismo” que, no reino da “pureza e ho-

nestidade”, maculam as normas do mercado (ohhhh!!!).

Descobriram que a controladora 3G Capitais tem uma verdadeira “ficha corrida” de escândalos e falsificações, que envolvem o Banco Garantia, a Kraft Heinz, a ALL, a Americanas e, agora, enquanto escrevemos esse texto, veio à tona um “possível rombo” de R\$ 30 bilhões nas contas da AMBEV.

Mas o que explica, após tantos escândalos, que Lemann, Telles e Sicupira tenham gozado, durante décadas, de tanta confiança do “mercado”? Isso acontece porque, no capitalismo, as relações são baseadas na mais pura mentira, na corrupção e na violência imposta sobre a imensa maioria da população.

BTG, Bradesco, Itaú, Santander, SamSumg, Vale, dentre muitas outras, utilizam as mesmas práticas em seus negócios. A diferença, ao que parece, é que o trio da 3G sempre esteve muito à frente de seus concorrentes e sócios. Por isso mesmo são os homens mais ricos do país.

O TAMANHO DO ROMBO

“Onde foram parar os R\$ 40 bilhões? Nas contas dos sócios controladores?”, são algumas das perguntas que estão sob investigação. O que se sabe é que, no mínimo, em dez anos, foram distribuídos pelo menos R\$ 800 milhões para diretores executivos, assim como dividendos para acionistas, aprovados por eles mesmos. E o restante?



Lemann, Telles e Sicupira, os bilionários fraudadores.

Com uma atitude agressiva no mercado de “e-commerce” (comércio eletrônico), as ações das Americanas foram um atrativo para centenas de milhares de pequenos investidores, participantes de fundos de investimentos de corretoras e bancos. Muitas vezes trabalhadores, que buscavam

fazer render um pouco mais suas economias.

Esse afluxo de compras elevou o valor das ações da empresa e, nas bolsas, atraiu mais investimentos e dividendos para os acionistas. Quem está no topo dessa pirâmide, e tem informações privilegiadas, negocia suas ações e decide quem ganha e quem perde.

EXPLORADORES

Semideuses ou vampiros?



A 3G (como todos capitalistas) faz parte de um bando de “vampiros”, que vive parasitando o trabalho de milhares de trabalhadores e trabalhadoras, no país e no mundo, além de pequenos e médios empresários.

Nas lojas Americanas há 44 mil trabalhadores diretos e outros 60 mil indiretos, além de mais de 7.000 fornecedores. Em 2021, essa imensa massa faturou R\$ 25,6 bilhões de receita bruta, mas somente 3,92% desta quantia (R\$ 1 bilhão) foram gastos para remunerar os salários. Lemann, Si-

cupira e Telles (da 3G) ainda são sócios da Ambev, maior cervejaria do mundo, com 40 mil trabalhadores, e de outras centenas de empresas onde têm participação.

A riqueza da 3G, guardadas as malandragens, não é obra da magia, nem de deuses e semideuses do capitalismo. É pura exploração. Uma engrenagem que garante a concentração da riqueza dos bilionários, por um lado, e uma imensa maioria de trabalhadores mal remunerados, precarizados, desempregados e miseráveis, por outro.

PARASITAS

Quem se apropria das riquezas?

Essa situação transforma os donos do capital numa verdadeira autocracia, onde 55 bilionários têm fortunas pessoais que somam R\$ 836,20 bilhões. O trio da 3G, sozinho, detém R\$ 180 bilhões, o que os faz deles os homens mais ricos do país, donos de um verdadeiro império. É um nível de concentração impressionante que, por outro lado, revela o profundo grau de empobrecimento do país.

O Brasil vive um intenso processo de desindustrialização e a economia voltou-se para exportação de produtos primários. Esses grandes empresários investem no agronegócio, na especulação financeira, no confisco dos direitos sociais, nas privatizações de Unidades de Pronto Atendimento (UPA) e instituições de ensino etc.

Por exemplo, através da Fundação Lemann e do grupo Eleva

(maior grupo privado de Educação Básica do país), estes bilionários investem na privatização da Educação, influenciam políticos que sucateiam o ensino e fazem parcerias que mudam a gestão das escolas.

Como se vê, esse capital também é utilizado para controlar o Estado, os políticos e a vida econômica de milhões de trabalhadores.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3HXXYLQ](https://bit.ly/3HXXYLQ)

FRAUDE

Lula, cancele a privatização da Eletrobrás!

A privatização da Eletrobrás seguiu o mesmo estilo das fraudes verificadas na Americanas. Por “pura coincidência”, a PricewaterhouseCoopers, mesma empresa que assinou os balanços fraudados da Americanas, também operou a privatização. Ao final do processo, a 3G foi uma das principais beneficiárias. Agora, de lambuja, também vai controlar todo o setor elétrico do país.

A fraude na Eletrobrás representa, no mínimo, 20 vezes mais do que a realizada na Americanas S.A. Caso fique nas mãos do trio de fraudadores. O governo Lula pode, e deveria, questionar todo o processo de privatização da Eletrobrás. No caso das Americanas, é preciso bloquear os bens dos acionistas da 3G e dos executivos das redes de lojas. E, ao que parece, de todo o império financeiro dos três bilionários, para garantir os salários,

empregos e direitos das centenas de milhares de trabalhadores das empresas controladas pelo grupo. Além disso, é necessária a punição e cadeia) para os fraudadores.



**Leia mais
no QR- Code**

PERU

Uma rebelião contra o governo assassino de Boluarte e o Congresso

AMÉRICO GOMES,
DE SÃO PAULO (SP)

E não há dúvidas de que está ocorrendo no Peru uma insurreição popular que tem à frente os setores mais explorados do proletariado e do campesinato, que vêm da região mais pobre do país: o Sul. Este processo está levando o governo e o regime a uma crise colossal, à qual estão respondendo com uma repressão brutal, lembrando as épocas da ditadura.

Isso já fez com que o Congresso Nacional, depois de já ter adiantado as eleições para 2024, esteja discutindo uma nova antecipação, para outubro de 2023. A atual presidente Dina Boluarte é uma marionete nas mãos da

direita que controla o Congresso e, inclusive, pode ser descartada, como tentativa de barrar o processo de mobilização.

Foi decretado um Estado de Emergência, com invasões de casas e sedes de organizações políticas, com prisões seletivas e arbitrárias. E, agora, Puno, a cidade mais combativa do país, está militarizada.

IMPASSES

Apesar dos avanços das mobilizações há um certo impasse, pois, por um lado, apesar de quase 60 mortos, o governo nem de longe consegue sufocar os protestos. Por outro lado, o proletariado, a classe operária urbana e da mineração não entraram massivamente no pro-

cesso, o que impede uma vitória categórica dos trabalhadores.

Isso ocorre por que a principal direção, a Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru (CGTP), formada por stalinistas e neostalinistas, tem traído o movimento vergonhosamente, se recusando a chamar uma greve geral e não se somando às mobilizações e marchas, com força, apesar da simpatia e solidariedade que há na base da entidade. Em suma, apesar de formalmente assumir as reivindicações do movimento, a CGTP tem uma política criminosa e procura negociar com o governo.

O grau de politização é impressionante, talvez o maior em todo o continente americano:



Repressão do governo deixou um número incalculável de feridos

querem derrubar o governo e, de fato, mudar o regime político que impera no país. Por isso, suas principais reivindicações são “Fora Dina Boluarte” e eleição de uma Assembleia Cons-

tituinte, que substitua o atual Congresso e faça uma nova Constituição, para que todo o entulho antidemocrático e privatista da “Era Fujimori” seja jogado no lixo.

REPRESSÃO

Violência brutal contra indígenas e camponeses



Famílias de 18 mortos em confrontos com a polícia em Juliaca protestam com caixões vazios fora de necrotério no último dia 10.

Os aspectos mais impressionantes desta insurreição são a repressão do governo e a combatividade dos trabalhadores e dos camponeses. Algo revela-

do, inclusive, pelos números: 58 pessoas mortas (sendo uma delas um policial) e cerca de 1.700 feridos, entre eles 1.100 civis (contra 580 policiais).

As mortes ocorreram principalmente no interior, onde o racismo, o preconceito e a discriminação dão um valor menor à vida dos descendentes dos povos originários. Principalmente Aimarás e Quéchuas.

POBREZA E MISÉRIA NO SUL

A maioria dos manifestantes (que continuam chegando à capital Lima, todos os dias) vem do sul do país, de regiões que, durante séculos, foram marcadas por desigualdade, isolamento, opressão e discriminação.

Regiões como as de Cusco, Apurímac, Huancavelica, Puno e Cajamarca, onde os índices so-

cioeconômicos são sempre mais desfavoráveis para os trabalhadores. Em 2021, o índice de pobreza no Peru era de 25,9%, mas, considerando-se somente o Sul, saltava para 39%. Em escala nacional, 70% dos trabalhadores peruanos estão precarizados; mas, nas cidades do Sul, os índices são sempre maiores: 94,8% em Huancavelica; 90,6%, em Apurímac e 90,4%, em Puno.

‘VAMOS ATÉ O FIM PARA DERRUBAR DINA’

É sobre esta base que fermenta a explosão social que eclodiu em violentos enfrenta-

mentos, como os que se deram em Juliaca, onde os aparatos de repressão mataram onze pessoas; ou em Bairro Chino, onde os trabalhadores, centralmente precarizados do agronegócio, feriram 57 policiais.

Além dos enfrentamentos, a combatividade da população também se expressa na resistência, mesmo com a piora nas condições de vida, provocada pelos bloqueios, que têm resultado em falta de gasolina e medicamentos e no encarecimento e escasseamento da alimentação. Mas, mesmo assim, a maioria afirma que não vai parar de luta até derrubar Dina e o Congresso.

TRANSNACIONAIS

Mobilização nacional golpeia mineradoras

O chamado “Paro Indefinido” (paralisação indefinida) bloqueou cerca de 100 vias, atingindo setores como a mineração, o turismo e o agronegócio. O Ministério da Economia fala em perdas em torno de US\$ 554 bilhões. Machu Picchu foi fechada e cidade de

Cusco, onde 80% da população vivem do turismo, também assistiu ao fechamento de hotéis, restaurantes e comércios, perdendo US\$ 10 milhões em função dos protestos.

Os manifestantes têm realizado bloqueio de estradas; ataques a aeroportos, torres

de telefonia e eletricidade; invasões de empresas de mineração e ataques a prédios do poder judiciário.

Os bloqueios estão atingindo o coração da economia nacional: as mineradoras, que ficam nos Andes e no sul do país. Apesar dos mineiros não

terem entrado na luta, como classe organizada, a identificação étnica com os manifestantes é total.

A mineração é o pilar da economia peruana e compõe 60% das exportações. Foi privatizada pelo governo Fujimori e recebeu uma série de isen-

ções fiscais de todos os governos posteriores, inclusive do de Castillo.

Mesmo assim, o setor aporta com 20% dos ingressos fiscais e 15% do Produto Interno Bruto (PIB), além de provocar imensos conflitos sociais e socioambien-

tais. O setor emprega cerca de 250 mil trabalhadores, sem contar os precarizados e os que trabalham na mineração ilegal.

Os bloqueios estão atingindo empresas como Minera Las Bambas, paralisada por mais de 50 dias em 2022, e 15 dias, em 2023. “A mina não conseguiu levar sua produção até os portos, já que a via por onde é transportado

o mineral está interrompida, por isso as exportações são afetadas de forma importante”, anunciou a empresa.

A Minera Antapaccay suspendeu todas as operações depois que os manifestantes de Espinar invadiram suas instalações, em 19 de janeiro, e incendiaram máquinas, caminhões de transporte e instalações. Também foram atacadas as instalações das

unidades Huisamarca (Cusco) e Utunsa (Apurímac).

As três maiores corporações mineiras do mundo estão presentes no Chile: BHP, Rio Tinto e Glencore. As grandes multinacionais imperialistas acreditam que o cobre vai cumprir um papel fundamental em um futuro próximo, como condutor mais econômico para armazenar e transportar as novas fontes de energia.



Manifestantes tocam fogo em pneus e bloqueiam a rodovia Pan-American, em Arequipa.

NA CAPITAL

A tomada de Lima pelos trabalhadores, camponeses e indígenas

São milhares os trabalhadores e camponeses, principalmente jovens, que estão se deslocando do Sul até a capital para a “Toma de Lima” (Tomada de Lima). Eles têm realizado marchas diárias, assim como protagonizado enfrentamentos com a polícia, a tal ponto que o aparato policial anunciou o abandono

das bombas de gás lacrimogêneo e das balas de borracha.

Quem conheceu a “Primeira Linha” chilena (a “linha de frente” de ativistas que defendiam as mobilizações da repressão policial, em 2019) e, agora, vê a do Peru, nota importantes diferenças entre elas. No Chile, ela era formada, majoritaria-

mente, por jovens urbanos. No Peru, são camponeses e os setores mais explorados da sociedade.

Por isso, uma das grandes manifestações de solidariedade dos habitantes da periferia de Lima é levar comida e água aos manifestantes, que não têm o que comer durante os longos períodos que pas-

sam na capital, dormindo em alojamentos, dentro de universidades, sindicatos, sedes de ONGs e em praças.

Todos os dias, centenas de refeições chegam aos manifestantes, produzidas pelos trabalhadores de Lima, muitas feitas com mantimentos recolhidos em doações em fabricas e universidades.



Manifestantes bloqueiam estradas e pedem a renúncia de Dina Boluarte

SAÍDA

Um regime em crise e a proposta dos trabalhadores



A crise do governo é muito grande e ficou evidente na

votação do Congresso sobre antecipação ou não de elei-

ções. Dina Boluarte chegou a dizer: “Fracassamos. Temos que sair”. O partido fujimorista de ultradireita apoia a proposta e defende os interesses das grandes mineradoras.

Mas a maioria do Congresso rechaçou a proposta em primeira votação, tendo à frente o partido de Dina e de Castillo, o “Peru Libre”, que se reivindica castrista. Este partido votou pela destituição de Castillo,

depois participou das marchas contra Dina e, agora, vota contra a antecipação das eleições.

A SAÍDA DA CLASSE TRABALHADORA

Frente a esta situação, o Partido Socialista dos Trabalhadores do Peru (PST) se soma às manifestações e reivindicações apresentadas pelo movimento, ressaltando que é necessária uma Assembleia Constituinte

para retirar o entulho antidemocrático de Fujimori; mas, acima de tudo, que nacionalize a indústria mineradora, realizando expropriações, sem indenizações, e as colocando sob o controle dos trabalhadores e, com isso, possibilite a recuperação dos recursos naturais do país.

Isso somente será conseguido por um governo das organizações de luta da classe trabalhadora e o povo pobre.

URGENTE

Trabalhadores do Peru precisam de toda solidariedade internacional



Os acontecimentos do Peru ganharam dimensão internacional. Lula, Gabriel Boric (Chile) e Gustavo Petro (Colômbia) se manifestaram a favor da destituição de Castillo, alegando que as instituições da democracia burguesa deveriam ser preservadas.

Com o crescimento da repressão, Petro mudou de posição e Boric foi obrigado a fazer

declarações contra a repressão, o que irritou o governo peruano. O Peru já retirou seus embaixadores da Argentina, do México, da Colômbia e da Bolívia.

Lula é o único que mantém sua declaração inicial, continuando dando apoio ao governo de Dina Boluarte, enquanto ele pratica uma violenta repressão contra a

classe trabalhadora peruana. Além disso, é no Brasil que o governo peruano vem buscar as bombas que Boluarte usa contra os manifestantes.

Neste sentido, foram muito importantes os protestos realizados nas embaixadas da Argentina, Colômbia e Equador, que exigiram que governos da América Latina, e principal-

mente Lula, escutem as reivindicações do povo peruano e se somem à exigência da renúncia de Dina.

A solidariedade internacional já está ajudando a luta do povo peruano e poderá ser decisiva para a sua vitória.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3JL2R37](https://bit.ly/3JL2R37)

VISIBILIDADE TRANS

‘A institucionalidade do capitalismo é insuficiente para a classe trabalhadora e população trans’

Para falar sobre o significado e importância do Dia da Visibilidade Trans, conversamos com Nikaya Vidor, mulher trans, de Porto Alegre (RS), que, aos 27 anos, é Cientista Social, militante do PSTU e foi candidata à deputada federal nas últimas eleições.

Por que existe o Dia da Visibilidade Trans e qual sua importância?

Nikaya - Em 2004, como parte da campanha “Travesti e Respeito”, houve um imenso protesto em Brasília, marcando o “29 de janeiro” como uma data de luta das pessoas trans contra as muitas formas de violência que o capitalismo lança sobre nós: o desemprego, a segregação no mercado de trabalho, a expulsão das escolas, a imposição da prostituição e as violências físicas, psicológicas e simbólicas.

O “Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras”, lançado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), revelou que o Brasil, pelo 14º ano consecutivo, é o país onde mais pessoas trans são mortas. Foram 131 assassinatos e 20 suicídios, só em 2022. Além disso, como a transfobia se manifesta entre nós?

Nikaya - Além da quantidade absurda de mortes e a crueldade que as caracteriza, o dossiê também revelou que, ao mesmo tempo em que nos marginaliza em todos os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos, e promove ideologias que nos transformam em alvos e vítimas, este sistema nos trata como mercadorias.

No Brasil, 90% das mulheres trans estão presas na prostituição e somos o país que mais consome pornografia trans no mundo. Ou seja, o capitalismo nos aliena da sociedade, nos segrega, e, ao mesmo tempo, nos “coisifica”. Algo particularmente real em relação às mulheres trans, negras, periféricas ou da classe trabalhadora.

Este é o primeiro Dia da Visibilidade Trans depois de quatro anos de Bolsonaro. Como a vida das/os trans foi impactada por este governo?

Nikaya - Bolsonaro foi resultado direto da crise capitalista mundial e, também, da imensa decepção com os ataques neoliberais dos governos petistas que, apesar de reconhecer reivindicações pontuais, não realizaram as mudanças necessárias nas vidas de LGBTI+, negros e negras, mulheres, indígenas, os demais setores oprimidos e a classe trabalhadora em geral.

Bolsonaro, contudo, incentivou a violência e os assassinatos, buscou eliminar o debate sobre de gênero e sexualidade nas escolas e agravou a LGBTIfobia praticada pelo judiciário e forças de segurança. Isso pra não falar de sua base “militante”, que não parou de nos atacar, nas ruas, escolas, locais de trabalho e nas redes sociais.

O governo da Frente nomeou a travesti Symmy Larrat como Secretária Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, no Ministério dos Direitos Humanos. Como você avalia isto?

Nikaya - Foi uma importante conquista do movimento. Porém, dificilmente conseguirá alterar nossas vidas de forma significativa, pois está inserida num governo de conciliação de classes, cuja prioridade é o “mercado”: os banqueiros, o agronegócio e os empresários, que se beneficiam com a opressão.

Lula estabeleceu uma teia de relações com a burguesia, inclusive seus seto-

res conservadores e fundamentalistas. E, no fim das contas, a institucionalidade do capitalismo é insuficiente para satisfazer as necessidades dos trabalhadores. Qualquer projeto que nos contemple só passará sob forte pressão e intensa mobilização. E, mesmo assim, podem retroceder quando a crise aperta.

Para o PSTU, qual é o caminho?

Nikaya - É preciso resgatar o espírito radical e rebelde de Stonewall, de combatividade e aliança com “os de baixo”, e, também, da Revolução Bolchevique, que foi pioneira na descriminalização da sexualidade, concedeu amplos direitos às LGBTI+ e, inclusive, permitiu o uso do nome social e a realização de procedimentos de redesignação sexual, coisas que, até hoje, não acontecem em muitos países capitalistas.

Para isso precisamos de independência em relação ao atual governo, para exigir nossos direitos, barrar todos os possíveis ataques e enfrentar a extrema direita, que continua organizada e disposta a nos perseguir e matar. É preciso lutar pelas necessidades da população trans e, também, para construirmos a organização e autodefesa nos locais de trabalho, de estudo, em nossas entidades e organizações, dentre os desempregados e onde quer que elas ou eles estejam.

Graças às traições e distorções feitas tanto pelo stalinismo quanto pelos reformistas, muitos seto-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3WR5MN3](https://bit.ly/3WR5MN3)

res do movimento LGBTI+ não vêm o socialismo como o caminho para sua própria libertação. O que você tem a dizer?

Nikaya - Desde os primórdios da organização das LGBTI+, os verdadeiros marxistas revolucionários estiveram junto aos setores oprimidos, defendendo a luta pelas “liberdades democráticas” (já que a burguesia transformou em poeira sua promessa de “liberdade, igualdade e fraternidade”) combinada com a luta pelo socialismo.

E isto não é uma luta pra “depois da revolução”. Mas, pra aqui e agora. Começa por reunificar os trabalhadores, que a burguesia di-

vide através da opressão, combatendo os preconceitos enfiados nas cabeças de nossa própria classe e incorporando nossas pautas nas entidades sindicais, estudantis e organizações políticas, como tentamos fazer no PSTU e, também, na CSP-Conlutas.

Mas, na sociedade pela qual lutamos, governaremos juntos, em conselhos populares, com toda a diversidade que caracteriza a classe trabalhadora, comandando os rumos do Estado, a produção e distribuição das riquezas e, também, a garantia de direitos, igualdade e liberdade. Só assim poderemos ser livres e viver com dignidade e plenitude.

ACIDENTES E MORTES NA ADELBRÁS

“Foi uma bola de fogo que tomou tudo”

No dia 25 de janeiro, dois trabalhadores morreram e cinco ficaram feridos em um grave acidente na indústria química Adelbrás, fabricante de produtos adesivos (fitas crepes e adesivos em geral), em Vinhedo, interior de São Paulo.

A empresa, vendida recentemente para uma multinacional canadense, possui cerca de 220 trabalhadores nesta unidade, além de outra fábrica em Manaus. Atuando com produtos altamente inflamáveis, e com um histórico de acidentes, nos quais, inclusive, frequentemente as próprias vítimas são responsabilizadas, com advertências e punições, a empresa escancara o mais absoluto descaso com a segurança e os trabalhadores.

O Opinião Socialista conversou com um membro da Cipa, não identificado para evitar retaliação da patronal, que explicou como ocorreu o acidente e falou sobre a postura da empresa.

Explique como ocorreu o acidente

O acidente aconteceu no setor de adesivos, onde trabalhamos com solventes, algo altamente inflamável. Até agora, o que a gente sabe é que houve vazamento de um dos solventes e uma faísca atíçou o fogo. Estavam fazendo o procedimento normal, jogando o produto no tanque, e, num outro tanque, estavam testando uma nova válvula automática. Então, provavelmente houve um vazamento, inclusive um dos trabalhadores avisou: ‘Olha, está tendo um vazamento ali’. Desceram pra ver e, no que desceram, veio uma bola de fogo que ocupou tudo.

Os brigadistas conseguiram agir de forma muito ágil, se não poderia ter sido muito pior, porque, aqui, os setores são muito próximos.

Tem um tanque muito grande com solvente e, do lado, tem um recuperador, que é um setor muito crítico. E, do lado, há uma caldeira que, se explode, leva o quartelão inteiro.

O que pode ter causado esse acidente?

Na minha avaliação, o mais provável é, principalmente, a falta de procedimentos de segurança. Porque, se tem um vazamento, não há um procedimento para conter isso, quando se derrama no chão, por exemplo. Se existe alguma coisa que provoca faísca, também não poderia estar lá. Então, demonstra que a empresa tem pouco cuidado com a segurança.

O vazamento, lá, é comum. Sempre que se mexia com uma válvula, se constata que tinha vazamento. Os funcionários sempre falavam sobre isso. E sempre pediram mais treinamento, porque o pessoal que está lá, muitas vezes, não conhece o material em que está mexendo. E a desculpa é sempre a mesma: não dá, gera custos etc.

A empresa continua funcionando mesmo após o acidente?

Voltou a funcionar normalmente. Só os setores atingidos estão parados. Mas os outros setores, incluindo o meu, de conversão, já voltaram a rodar, desde ontem (31 de fevereiro). Inclusive, o diretor falou pra mim que já vão comprar matéria-prima, que a fábrica não pode parar, porque ‘é um dia após o outro, né?’, segundo ele.

Qual é o sentimento dos trabalhadores na fábrica?

Olha, primeiro de muita tristeza, né? Foi uma coisa que abalou muito todo mundo, principalmente o pessoal do 1º turno, os brigadistas



que viram o pessoal ferido, queimado. Foi uma cena de guerra. Todo mundo comentou. No dia seguinte, inclusive, os brigadistas viram pedaços de pele e roupas queimadas no chão.

O pessoal está tendo dificuldade pra dormir, com aquelas imagens vindo sempre na cabeça. Muita tristeza por isso. Foram amigos nossos que morreram ou se feriram. E, depois, muita revolta também, porque todo mundo sabe que isso poderia acontecer. É muita gambiarra, no próprio setor em que houve o acidente, tudo sem procedimento, tudo sendo feito de qualquer jeito. Então, tudo isso gera uma indignação muito grande.

Qual foi a postura da empresa?

Isso também gerou muita revolta. Ela não se comunicou direito com os funcionários. Ninguém sabia se deveria ir ter que trabalhar ou não. Depois, no dia seguinte, soltaram uma nota ridícula, dizendo que tinha ocorrido só um ‘princípio de incêndio’ e que foi só um ‘incidente’. Pra quem está familiarizado com acidentes de trabalho, ‘incidente’ é quando tem uma ocorrência que não tem vítima ou lesão, sendo que havia cinco pessoas internadas e dois mortos.



Trabalhadores tentam conter incêndio na Aldebras

Não falaram que foi um acidente grave nem nada. Depois, não teve nenhuma outra atualização. Ontem (dia 31), inclusive, as duas únicas postagens da empresa foram comemorando o “Dia do Publicitário” e o “Dia da fita adesiva”. Não se falou nada sobre os falecidos, dos que estão gravemente feridos. Isso gerou muita revolta aqui e, também, o fato de termos que voltar a trabalhar. Sem sabermos nada da segurança, sem ter nem o luto. E sabendo que a única preocupação da empresa é continuar produzindo.

Enquanto estamos conversando, acabaram de ocorrer

dois protestos na empresa. O que reivindicaram?

Isso! Houve dois atos. Um na entrada do 1º turno e outro, no 2º turno. O primeiro reuniu sindicatos, organizações de esquerda e centrais sindicais. Denunciamos a empresa, por ter deixado o acidente acontecer, cobramos que ela se responsabilize pelo ocorrido e que tome medidas concretas.

O pessoal também se solidarizou com os trabalhadores daqui, as famílias dos feridos e dos companheiros que faleceram.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3HQKQ14](https://bit.ly/3HQKQ14)

CASO DANIEL ALVES

É preciso debater o machismo e a violência contra as mulheres no futebol e na sociedade



ÉRIKA ANDREASSY
SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU

No dia 20 de janeiro, o jogador brasileiro Daniel Alves foi preso no Estado Espanhol sob acusação de estupro. O crime teria ocorrido numa boate, em 31 de dezembro, em Barcelona.

Apesar de que o jogador negue as acusações, apurações preliminares e resultados de exames médicos, que comprovam violência, foram suficientes para a justiça aceitar a denúncia e decretar prisão preventiva. O caso segue sendo investigado.

VIOLÊNCIA MACHISTA E CULTURA DO ESTUPRO NO FUTEBOL

Não se trata de um episódio isolado. De agressões verbais a feminicídios, são recorrentes os casos de violência contra mulheres envolvendo jogadores de futebol.

Basta lembrar o goleiro Bruno, Cuca, Marcelinho Paraíba, Robinho, Neymar e uns tantos outros jogadores

investigados ou condenados por violência contra mulheres para que possamos debater e colocar em evidência o machismo e a cultura do estupro que predominam no esporte que tantos de nós amamos.

De acordo com levantamento feito pelo jornal Folha de S. Paulo, em 2021, somente no estado de São Paulo a cada cinco dias uma mulher denuncia um jogador por violência doméstica ou sexual. E isso considerando apenas os casos que viraram registros formais na delegacia.

Sabemos que o futebol é um reflexo da sociedade e, portanto, num país onde um estupro é registrado a cada 10 minutos, não é de se espantar a quantidade de jogadores envolvidos em denúncias desse tipo.

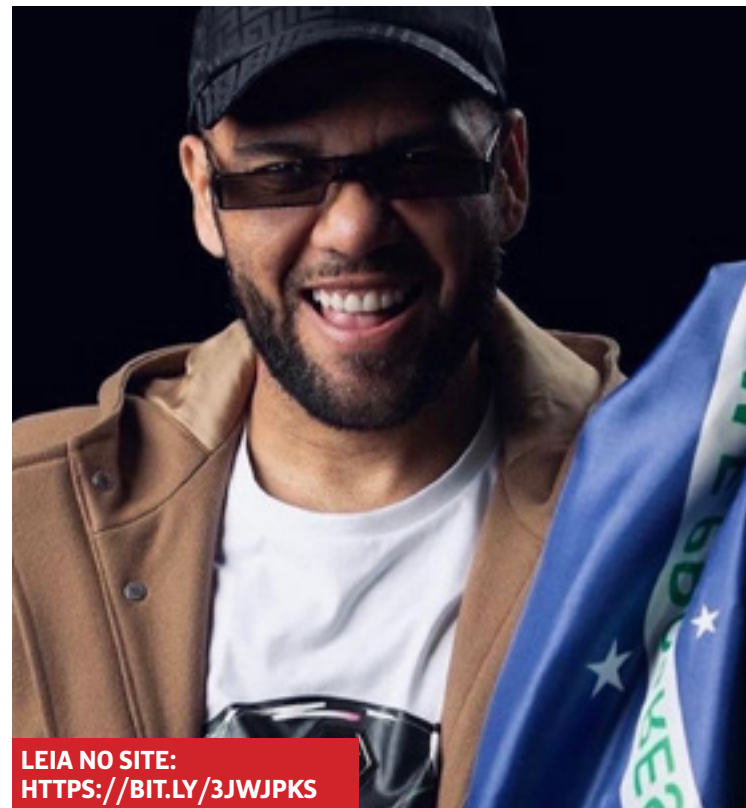
Mas, não podemos banalizar ou naturalizar a violência cometida por essas personalidades, sob a alegação de que são “produtos”

de uma sociedade machista. Ao contrário! É só pensar, por exemplo, a comoção e o escândalo que seriam provocados caso jogadores de futebol se envolvessem em roubos de carros na mesma proporção em que o crime é registrado na sociedade de conjunto. Seria considerado um absurdo. Como é inaceitável que a mesma “lógica” seja utilizada em relação à violência contra as mulheres.

NÃO À IMPUNIDADE! VIOLÊNCIA SEXUAL É CRIME!

É precisamente porque são figuras reconhecidas e, em vários casos, servem como “exemplos” para muitas pessoas, que as atitudes dos jogadores precisam ser discutidas. E que, quando cometam crimes (e nunca é demais lembrar que violência sexual é um crime!), eles sejam investigados e punidos rigorosamente.

O debate gerado por casos como este precisa ajudar não só para que o futebol



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3JWJPKS](https://bit.ly/3JWJPKS)

e o ambiente esportivo em geral se tornem mais acolhedores e menos opressores para as mulheres, mas principalmente para que a própria luta contra o machismo e a violência contra a mulher avance.

Tanto para que os homens, em especial os trabalhadores, tomem consciência de que precisam respeitar as mulheres, quanto para que as mulheres saibam que podem e devem exigir respeito, independentemente do lugar onde estejam.

CONQUISTA

Um exemplo na luta contra o machismo



A prisão de Daniel Alves ocorre após um avanço na consciência da sociedade espanhola, provocado pelo grande levante ocorrido em 2018, em resposta ao bárbaro caso de es-

tupro coletivo, em 2016, intitulado “La manada” (manada ou bando, em referência à asquerosa forma como os próprios estupradores se identificaram ao registrar o crime em vídeos).

A reação política que se seguiu, combinada com a força do movimento de mulheres, que saiu às ruas, aos milhares e em todas regiões do país, exigindo justiça, obrigou o Estado Espanhol a rever sua condução diante de casos de violência sexual.

A desqualificação da vítima e sua palavra costuma ser um dos recursos mais utilizados por abusadores e agressores, servindo à impunidade e à perpetuação da violência. O embate travado entre as mulheres em luta e o sistema judiciário no caso “La Manada”, contudo, levou a uma mudança de paradigma no enfrentamen-

to ao machismo em dois pontos essenciais: o acolhimento à vítima e a agilidade institucional.

UM PROTOCOLO EM DEFESA DAS VÍTIMAS

O protocolo adotado pela cidade de Barcelona após a rebelião contra o “La Manada” fez com que a boate não vacilasse, chamando prontamente a polícia, levando a jovem à realização de todos os procedimentos médicos necessários e dando início à investigação que, aliás, aponta, para dizer o mínimo, em fortíssimos indícios contra o jogador.

O desdobramento desse caso é o reconhecimento pela

justiça burguesa, forçada pela luta nas ruas, da vulnerabilidade da vítima e do conteúdo desumanizante que representa esse tipo de violência contra as mulheres e outras identidades de gênero, vítimas do machismo ou da transfobia naturalizados.

Uma vitória que precisa servir de exemplo para o movimento de mulheres trabalhadoras no Brasil no enfrentamento dessa cultura machista, tão impregnada na justiça e na sociedade brasileira, exigindo punição exemplar para todos os crimes relacionados à violência de gênero. Basta de machismo!